

## **Interação entre populações tradicionais e ambiente: um estudo etnoecológico da Comunidade Quilombola Vale do Cedro**

**Jordana Rezende Souza Lima<sup>1</sup>**  
**Raquel Maria de Oliveira<sup>2</sup>**  
**Luzia Francisca de Souza<sup>2</sup>**  
**Mainara da Costa Benincá<sup>1</sup>**  
**Roberto de Oliveira Souza<sup>1</sup>**  
**Luline Silva Carvalho<sup>3</sup>**

1- Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás

2- Professora Doutora da Universidade Federal de Goiás

3- Graduanda em Licenciatura em Geografia, Universidade Federal de Goiás

### **Resumo**

Nos dias de hoje o que se percebe é que junto com o bioma, o conhecimento popular sobre as espécies do cerrado, está se perdendo. As populações tradicionais que lidam e conhecem as espécies e o uso que pode ser feito destas, não estão passando adiante os conhecimentos que antes eram repassados de geração a geração, não por opção, mas, segundo Shiva (2003) a visão globalizadora faz com que o saber local desapareça, negando-lhe o status de um saber sistemático, sendo qualificado como primitivo e anticientífico. Através desse estudo espera-se registrar o etnoconhecimento dessa comunidade tradicional e verificar se esse conhecimento está sendo repassado entre as gerações. Esta pesquisa teve como principal objetivo realizar um estudo etnoecológico sobre a Comunidade Quilombola Vale do Cedro, resgatando e registrando o etnoconhecimento detido por essa comunidade quilombola. A metodologia utilizada foram observações e entrevistas para analisar o conhecimento, o reconhecimento e o uso que fazem da fauna e flora que os rodeiam. A comunidade supracitada está inserida em uma área de remanescente do bioma Cerrado. Os resultados parciais da pesquisa demonstram um significativo uso do Cerrado. A comunidade ora estudada conta com um Laboratório de Plantas Medicinais, utilizando de espécies vegetais nativas do Cerrado. Realizou-se uma entrevista composta de perguntas abertas, com a coordenação desse laboratório acerca do trabalho realizado com as plantas coletadas, destino dos produtos do laboratório, e de onde vem o conhecimento utilizado na prática do laboratório. A pesquisa ainda está em fase de desenvolvimento, e faz parte de uma dissertação de mestrado.

### **Introdução**

Os sistemas locais de saber estão baseados, de acordo com Shiva (2003), na capacidade que as florestas têm de manter a vida, pois olhar para a floresta de modo fragmentado limita a capacidade de compreender todo o papel que ela desempenha, valorizando sua integridade e diversidade.

As florestas oferecem alimento e plantas medicinais para as populações tradicionais e funciona como proteção dos solos e reguladora dos ciclos da água, além de fornecerem

os suprimentos de forragem e fertilizantes, fatores esses, essenciais a agricultura, como afirma Shiva (2003), o que ainda de acordo com essa autora, esse conhecimento é transmitido de geração a geração através da participação nos processos de renovação da floresta e de obtenção do sustento em seus ecossistemas.

O conhecimento sobre o ambiente que as comunidades tradicionais detêm, segundo Hanazaki (2006), podem interferir nas práticas cotidianas, e o conhecimento local acerca da vegetação, inclui também muitas plantas utilizadas com finalidades medicinais, alimentícias, para manufaturas, ornamentais, ou como alimento para fauna.

Discussões acerca do meio ambiente alcançam todas as esferas acadêmicas, políticas e civis, enfim faz parte do cotidiano da sociedade como um todo, em nível local, regional ou mundial. Segundo Carvalho (2010) os movimentos sociais se aproximam da causa ambiental, pois defendem uma agricultura ecológica. A combinação entre agricultura de pequena escala e conservação de ecossistemas é defendida por esse autor, o qual trabalha com as comunidades de assentamentos de Reforma Agrária brasileira.

O autor supracitado considera que a comunidade agrícola representada pelos assentados é fundamental para a essa conservação, uma vez que trabalha com a agricultura familiar em pequenos Lotes de terra, muitas vezes baseada na agroecologia.

A importância do ambiente para a população é contemplada a partir da estreita dependência que essa tem dos recursos que o ambiente oferece para a sua própria sobrevivência. Aquelas populações que não possuem essa ligação tão direta e dependente com a vegetação nativa e seus recursos, possuem outros valores e visões, entendendo, muitas vezes, que a vegetação é supridora de madeira e nada mais.

A produtividade, o rendimento e o valor econômico de um ecossistema são vistos de forma diferenciada pela silvicultura e pela visão ecológica. Shiva (2003) define que para as tribos e outras comunidades florestais um ecossistema é complexo é produtivo em termos de ervas, tubérculos, fibra, patrimônio genético entre outros, e para o explorador reducionista da silvicultura esses elementos que compõe o ecossistema das florestas são inúteis, improdutivos e descartáveis. A autora também se refere que com Revolução Verde, as sementes e as safras das comunidades locais foram consideradas “primitivas”, “inferiores”, “marginais” e de “má qualidade”.

Os modos de produção autóctones têm sofrido pressões em todo o mundo, pela disseminação do modelo agrícola industrial e as consequências da modernização globalizante. Está havendo uma desarticulação dos sistemas agrícolas tradicionais que

visam a subsistência de seus produtores, estão perdendo espaço para a agroindústria e outras atividades que estão crescendo no campo. Essa visível perda não acontece de modo uniforme, ainda há lugares que oferecem resistência, e ainda persistem.

Se as antigas roças estão sendo substituídas por monoculturas altamente mecanizadas, resta ainda o quintal, o jardim, o pomar, a horta, que retratam a conservação desse modo tradicional de vida (AMOROZO, 2006).

O conhecimento tradicional das populações que possuem um elo estreito com os elementos naturais do ambiente é desprezado, além de sofrerem, em muitos casos, críticas por fazer uso de chás caseiros ou garrafadas e não optarem por produtos da indústria farmacêutica. Esse fato reafirma a necessidade de compreender e registrar o conhecimento empírico detido pelas mesmas.

Guarim Neto (2008) afirma que lançar um olhar etnoecológico sobre o ambiente e as relações que deles emanam é antes de tudo desvendar os valores escondidos em mensagens que nem sempre são percebidas, e que a sensibilidade é a base para esse entendimento.

Para Amorozo (2006) cultivar e cuidar das plantas envolve muito de afetividade. Em comunidades agrícolas tradicionais, as crianças aprendem desde quando acompanham os adultos às roças e tomam parte nas atividades cotidianas, e quem acostuma a plantar, não abandona o hábito tão facilmente, mesmo quando se mudam para ambientes mais urbanizados.

## **Objetivos**

Este estudo tem como objetivos averiguar as espécies vegetais conhecidas e utilizadas pela população local, discutir suas relações com o ambiente, principalmente com os recursos vegetais, ressaltar a importância da manutenção de comunidades como a Comunidade Quilombola Vale do Cedro para estudos etnoecológicos/etnobotânicos como forma de valorizar a cultura tradicional e mostrar a importância desses estudos para a conservação do Cerrado.

## **Metodologia**

A metodologia utilizada é baseada na pesquisa qualitativa, pois essa dedica-se mais a aspectos qualitativos da realidade, ou seja, olha prioritariamente para eles, sem desprezar os aspectos também quantitativos, e vice-versa (DEMO, 1998).

Foram realizadas observações diretas com a finalidade de conhecer a área na qual se localiza a comunidade supracitada, também se utilizou registro fotográfico e caderneta de campo para fazer esse reconhecimento *in loco*.

Realizou-se entrevistas semi-estruturadas com moradores do local. Essa técnica, segundo Matos e Pêsoa (2009) é baseada em métodos que não implicam quantificação e sim a interpretação do fenômeno estudado. As entrevistas foram realizadas com cada sujeito escolhido após uma breve apresentação dos objetivos da pesquisa e do consentimento do entrevistado para realização das mesmas.

## **Resultados parciais**

Na visita à Comunidade Quilombola do Vale do Cedro, atestou-se que existe um laboratório para manipulação de plantas do cerrado e fabricação de remédios fitoterápicos chamado de Centro Comunitário de Plantas Medicinais do Cedro (Foto 01).

Verificou-se que os produtos feitos nesse laboratório são distribuídos gratuitamente para a comunidade residente no local, e revendida a pessoas externas a comunidade que visitam o mesmo, e em feiras realizadas na cidade de Mineiros. O lucro obtido com a venda dos produtos é usado para manter o próprio laboratório.

Quanto à fauna do Cerrado, segundo moradores ainda são vistos na comunidade alguns animais típicos do bioma, a saber: “*tatu, bandeira, mutum, macaco, arara azul, papagaio, periquito*” entre outros.

**Foto 01** – Centro comunitário de Plantas Medicinais do Cedro, Mineiros (GO): a) Placa da entrada; b) Sede do laboratório.



a)



b)

Fonte: LIMA, J. R. S. 2012

Os resultados parciais obtidos demonstram que a extração de espécies utilizadas é realizada principalmente nas áreas de reserva da própria comunidade. Algumas espécies foram citadas como de grande relevância para fins medicinais, tais como: Sangra d'água (*Croton urucurama*), Barbatimão (*Stryphnodendron* sp), Mangaba (*Hancornia speciosa*), Mama-cadela (*Brosimum gaudichaudii*), entre outros.

Esse saber necessário para o reconhecimento das plantas *in loco* foi adquirido com os pais. Nesse momento salienta-se a importância do repasse de conhecimento entre as gerações, as atividades dos mais velhos são reproduzidas pelas novas gerações e utilizadas com a finalidade de propiciar o bem-estar de toda uma comunidade, evitando assim o consumo de grandes quantidades de produtos advindos da indústria farmacêutica.

A presente pesquisa ainda está em andamento, pois faz parte de uma dissertação de mestrado em desenvolvimento.

## Referencias Bibliográficas

ALBUQUERQUE, U. P. de; LUCENA, R. F. P. de; ALENCAR, N. L. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobotânicos. In: ALBUQUERQUE, U. P. de; LUCENA, R. F. P. de; CUNHA, L. V. F. C. da. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. 2. ed. Recife: Comunigraf Editora, 2008. p.41-72.

AMOROZO, M. C. de M. Agricultura tradicional, espaços de resistência e o prazer de plantar. In: ALBUQUERQUE, U. P. de. et al. **Atualidade em etnobiologia e etnoecologia**. 2. ed. Recife: NUPEEA, 2006. vol. 1, p. 123-131.

BENINCÁ, M. da C. **O uso de indicadores socioambientais para avaliação do Assentamento Santa Rita, em Jataí-GO**. Jataí, GO: UFG, 2010. Originalmente apresentada como monografia de especialização, Universidade Federal de Goiás, 2009.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 14. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 484 p.

DEMO, P. Pesquisa qualitativa: busca de equilíbrio entre forma e conteúdo. **Revista Latino Americana de Enfermagem**. Ribeirão Preto, v.6, n.2, p.89-104, abril. 1998.

DIAS, M. S. **Apropriações camponesas da política pública para a agricultura familiar no Assentamento Três Pontes, Perolândia (GO)**. Jataí, GO: UFG, 2012. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade Federal de Goiás, 2012.

GOBBI, W. A. de O. Modernização agrícola no cerrado mineiro: os programas governamentais da década de 1970. **Caminhos de Geografia** – revista on line. p. 130-149. Disponível em: <[http://www.ig.ufu.br/caminhos\\_de\\_geografia.html](http://www.ig.ufu.br/caminhos_de_geografia.html)>. Acesso em: 29 maio. 2012. Uberlândia, v.11, fev.2004.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v.35, n.3, p. 20-29, maio/jun. 1995.

GUARIM NETO, G. **Refletindo sobre ambiente e cultura – a etnobiologia, a etnoecologia, a etnobotânica**: o saber tradicional instalado e mantido. Tangará da Serra, MT, jun. 2008. Disponível em: <[need.unemat.br/3\\_forum/artigos.html](http://need.unemat.br/3_forum/artigos.html)>. Acesso em: mar. 2012.

HANAZAKI, N. Conhecimento caiçara para o manejo de recursos naturais. In: ALBUQUERQUE, U. P. de. et al. **Atualidade em etnobiologia e etnoecologia**. 2. ed. Recife: NUPEEA, 2006. vol. 1, 17-23 p.

MATOS, P. F. de; PESSÔA, V. L. S. Observação e entrevista: construção de dados para a pesquisa qualitativa em geografia agrária. In: RAMIRES, J. C. de L.; PESSÔA, V. L. S. (Orgs.) **Geografia e pesquisa qualitativa**: nas trilhas da investigação. Uberlândia: Assis Editora, 2009. p. 279-291.

MENDES, L. P. **Etnoecologia dos pescadores e marisqueiras da vila de Garapuá/BA**. Originalmente apresentada como monografia de graduação, Instituto de biologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

MENEZES, R.; SOUZA, B. I. de. Manejo sustentável dos recursos naturais em uma Comunidade rural do semiárido nordestino. **Cadernos do Logepa**. João Pessoa, v. 6, n. 1, p. 41-57, jul./dez. 2011. ISSN: 1677-1125. Disponível em: <[www.geociencias.ufpb.br/cadernosdologepa](http://www.geociencias.ufpb.br/cadernosdologepa)>. Acesso em: 15 jan. 2012.

SHIVA, V. **Monoculturas da mente**: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003, 240 p.